

2

O desejo de se transformar em palavra: Gilberto Mendonça Teles

A epígrafe ao livro *Falavra*, de Gilberto Mendonça Teles, é de Roland Barthes: *J'ai une maladie: je vois le langage*¹. E em “Metamorfose”, de *Raiz da fala*, Gilberto acrescenta:

A linguagem não duplica
O ser, nem o disfarça:
É o próprio ser que emigra
Entre o real e o falso.

No poema – domínio da ilusão – o ser transita entre o real e o ficcional. Trata-se de uma existência gerada no *espaço potencial*², virtual, criada pela linguagem, pelas estratégias retóricas, pela força das imagens e pela sensação de concretude que suscitam.

O artista, segundo Mendonça Teles, cria dentro de uma ordem:

O poema nasce de um impulso sombrio e emocional, que começa a ser realidade verbal quando chega à consciência e é submetido às forças estetizantes do trabalho artístico. Inspiração, musa, furor poético, intuição criadora, qualquer que seja o termo que tenta expressar essa realidade psicofisiológica do homem, não passam de metáforas para definir e delimitar o entendimento de algo que as ciências humanas ainda não conseguiram dominar inteiramente. Trata-se, na verdade, de uma motivação especial, interior, que move e comove o poeta (ou qualquer pessoa, só que esta não a sabe cultivar, pois não dispõe do talento inato para isto), ativando-lhe a imaginação, dando-lhe paciência para buscar a sua melhor expressão³.

Parece tratar-se de um impulso emocional e de um concomitante conteúdo psíquico que necessitam expressar-se, transmutar-se em símbolo, tornar à vida através da palavra,

¹ MENDONÇA TELES, G. *Falavra*. Em: *Hora aberta*, pp. 481 e 558.

² O espaço potencial, ou espaço da ilusão, será objeto de reflexão em outro capítulo. No momento basta esclarecer que essa área é gerada pelo encontro do poema com o receptor, constituindo uma terceira dimensão que não está contida no verso nem na imaginação do próprio leitor, mas na convergência do texto e da imaginação. Como tal, o objeto estético é uma construção dinâmica realizada por uma lúdica *joint venture* entre texto e leitor (Karl Erik SCHOLLHAMMER).

³³ Entrevista a Giovanni RICCIARDI. Em: *Auto-retratos*, p. 387.

transformar-se em linguagem, concedendo ao poeta a sensação de domínio e de transitar entre o real e o falso, entre a realidade referencial e o mundo imaginário. Mendonça Teles acrescenta que o poeta deseja entrar dentro da palavra, “como se eu amasse dentro da palavra, como se todo o eu se tivesse transformado em linguagem”⁴. Eis como ele declara, em *Poiética*, esse desejo:

Tudo em mim é desejo de linguagem:
 minha própria emoção, esta passagem
 à espessura das coisas, o convite
 ao mais além da sombra e do limite
 e esta confirmação da realidade
 na plumagem dos nomes, na verdade,
 têm seu lado e segredo, é pura essência
 do que se fez silêncio e reticência.

Transfigurado em linguagem, o poeta é o poema, é o ser no poema. Ele se sente vivendo em poesia, dentro do espaço ficcional, parcialmente imerso no imaginário, deixando-se conduzir pelo pensamento onírico de vigília (devaneio) sob o olhar atento da razão. Nesse instante, tem-se a percepção e o sentimento de que o limite entre o sujeito e sua imaginação perde o contorno, se esgarça, esmaecendo-se a diferença entre a realidade interior e a factual, entre sujeito e objeto, entre o símbolo (palavra) e a coisa simbolizada, permitindo-nos, assim, a confirmação da realidade na plumagem dos nomes.

“O meu desejo – esclarece o poeta – “é jogar com o poder encantatório da linguagem que faz do homem um ser absoluto, capaz de pronunciar o instante inicial, de soprar diariamente o seu próprio *fiat*”⁵. E então:

A criação se dá quando o perdido
 se transforma em sinal que alguém atende,
 como se houvesse mesmo algum duende,
 uma força maior que nos excita

⁴ Ibid., p. 388.

a deixar logo alguma coisa escrita.

Poiética

O poema, ao mesmo tempo que revela, é silente e reticente. Ao mesmo tempo que, por meio da palavra, penetra na espessura das coisas trazendo-as à vida, permanece na coisa dita uma zona de sombra, alguma coisa inaudita, que aponta para o indizível, para o mistério do ser, para além das possibilidades semânticas da palavra. Algo excita o poeta à realização do poema: uma inquietação, algo perdido, uma ausência, um desejo de surpreender a exata nudez do ser humano na expressão do inefável, do confuso; uma emoção, um vento escuro e belo, água de rio que flui e que exige as margens de contenção da sintaxe poética para se tornar audível e transmudar-se em *fiat*.

A realização do poema oferece um certo ludismo de linguagem ao poeta, um jogo, “um *frisson* de palavras, uma tocando na outra, criando sensações laterais e indescritíveis. E depois há a necessidade de dizer coisas do coração, da mente, o dizer coisas impossíveis de serem ditas na linguagem comum”.

Gilberto Mendonça Teles⁶ sugere a existência de dois vetores na construção do poema. Em um deles encontramos as musas, o acaso, a intuição, o desejo, enfim, tudo aquilo que espontaneamente leva alguém a ter vontade de escrever; trata-se da inspiração, de um *insight*, de um conhecimento intuitivo e alógico, absoluto e sintético, forma inicial de percepção da realidade exterior ou do complexo mundo interior. O outro vetor é o do conhecimento racional e lógico, relativo e analítico que concede, ao influxo emocional, as formas lógicas do conhecimento, as armações do raciocínio na estruturação do poema.

Para Gilberto não há uma procura e um achado, pois no momento em que o poeta começa a procurar um modo de dizer melhor, de bem dizer o que pretende, já está na esfera de um encontro, no processo de formar possibilidades de analogias, de relacionamentos das coisas mais díspares do mundo. E, para ele, a inspiração são esses dois movimentos, ou seja, a vontade de procurar e o processo da procura, pois ambos têm suas raízes no desejo do poeta de significar e expressar as regiões mais íntimas do ser. Porque na verdade:

⁵ RICCIARDI, G. Op. cit., p. 392

⁶ Entrevista concedida a Maria Fernanda Silva FARIA e Maria Helena Geordane RANGEL Em: *Gilberto: 40 anos de poesia*, p. 123 e ss.

torna o elemento racional através do qual tenta compreender e iluminar o para-além do invisível⁷, mantendo o olhar preciso e vago.

O poeta acredita que uma das funções da magia poética é essa de compreender o incompreensível, conferindo-lhe sentido e visibilidade, revelando e velando os mistérios do ser e da existência, o incognoscível de nossa natureza emocional e existencial.

Nessa perspectiva é que se diz que o poeta abre caminhos para os mundos paralelos, invisíveis, insuspeitados, o mundo dos anjos e dos demônios, o mundo do imaginário. Ainda pela magia das palavras e pela força integradora e pulsante da forma poética, o poeta cria a ilusão da presença de uma ausência, tornando suportável a dor de desditas, perdas e frustrações amorosas. Ouçamos o Soneto XXII, de *Sonetos do azul sem tempo*, no qual o eu-lírico fixa e eterniza no poema o objeto de seu amor apaixonado:

Não morrerás em mim. Não morrerás
 assim como uma sombra na distância,
 o vento no horizonte e, nas manhãs,
 a alegria mais pura que inventamos.
 Serás presente em tudo e viverás
 o segredo de todos os momentos.
 Todas as coisas gritarão teu nome
 e o silêncio mais puro, o mais sutil,
 aquele que mais dói e acende as noites
 e o ser profundamente intranquilha
 – este restituirá o movimento,
 a eternidade viva de teus passos
 e a certeza mais limpa de que nunca
 tu morrerás em mim.

Não morrerás.

No livro *Retórica do silêncio*⁸, que versa sobre a teoria e a prática do texto literário, Gilberto Mendonça Teles nos fala da retórica, conceituando-a como “a ciência que, atuando em diversos níveis do discurso (nos planos da expressão e do conteúdo), é capaz de torná-lo

⁷ Entrevista a Denira ROSÁRIO. Em: Op. cit., p129.

⁸ Gilberto MENDONÇA TELES, *Retórica do silêncio*, p. 8.

eficaz, dando-lhe valor estético. É por meio da operação retórica que o discurso inicia a sua difícil saída do silêncio, tornando-se capaz de falar, mesmo estando em silêncio⁹. Gilberto acrescenta que, na verdade, não há razão para se começar aqui, em vez de ali. A linguagem é uma estrutura infinita, e é esse sentimento do infinito da linguagem que está presente em todos os ritos de inauguração da palavra.

O silêncio é visto pelo poeta como “a sabedoria do que não foi dito, do que ficou à margem ou talvez no centro, o que por ser mais denso não pode subir à superfície do rio da linguagem, que diz e não diz dizendo”¹⁰. Percebe-se, nas palavras do poeta, a inquietação inerente à busca do nome, que permita a captação da essência da coisa, a palavra-coisa, concreta, a própria coisa que nos falta, jamais alcançável. Como ele próprio recita em *Fronteira*:

Minha angústia – o limite
entre o sonho e o silêncio
não este que se explica
no que sou, no que penso

imponderável
sem ranhura de nervos
nem lembranças de barro,

Esse que pretende
entre o eterno e o humano
e que existe no centro
da forma se engendrando.

Mais tarde o poeta aprendeu que nesse centro se situa o espaço vazio, entre o significante e o significado, o lugar da figura e, portanto, lugar do discurso literário. O poeta, então, conclui, no poema *A raiz (II)*, que:

No fundo do poço ou no fundo

⁹ Ibid., p.13

do mundo as coisas não têm nome.
 Ali se esconde tudo e muito
 mais: a mánica, o pispilone
 e a nena tiste que demanda
 a poesia e sua linfa...

Antes do nome, “no princípio, quando o nome soprava / da boca das crateras e o hálito / de fogo fundia os horizontes vazios, / nenhum sinal cortava o deserto do tempo / e apenas a sombra se movia monótona / sobre a fauce das águas. //

Antes do nome os seres se dispersavam
 incógnitos nos abismos do Gênese.
 Os elementos resistiam no caos
 à natural elocução das intempéries.
 E só o amor circulava difuso por entre
 As árvores do bem e do mal.

Um dia todos os seres viventes amanheceram
 sur-presos nas malhas do nome.
 Menos as coisas: essas permaneceram
 livres e continuam noturnas, à espera
 de outro momento de criação.

Momento esse, podemos supor, que o poeta busca, quer encontrar, espera, se desespera, até que descubra a palavra (o nome) que contemple a possibilidade de ordenar o caos e configurar as sensações, emoções e os sentimentos não-pensados. O poeta circulando por entre as árvores do bem e do mal, entre ordem e desordem, o amor, força integradora, enfeixa todos os seres viventes nas malhas do nome.

Agora de posse do nome o poeta inicia o seu *Fiat*, como se vê em “Origem”, de *Falavra* :

Agarro o azul do poema pelo fio

¹⁰ Ibid., p. 13.

mais delgado da lã de seu discurso
e vou trançando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela.

Equipado com as palavras o poeta pode encadeá-las engendrando sons, texturas, colorido, ritmos e pausas, que conduzem à ilusão de vermos a linguagem desenhando o relâmpago no vidro opaco da janela. Não obstante, existe algo anterior ao nome, o noturno, os abismos do Gênese e sua linguagem, algo sentido mas ainda não pensado e metaforizado, que obedece à sintaxe invisível.

A sintaxe invisível “remete para a teoria de que a sintaxe da poesia é invisível, quer dizer, não é a visível da linguagem lingüística do poema: é preciso ler por dentro e construir outra sintaxe e cada leitor (ou cada momento de leitura) construirá a sua”¹¹.

Vejamos como o poeta, com olhar preciso e vago, expressa o invisível e o silêncio, através de imagens dotadas de demasiada claridade e sombra contrastante. Ouçamos “Descobrimento”, de *Sintaxe invisível* :

Há demasiado silêncio nesta noite
e os nossos pés caminham, deslizantes,
sobre flores e feltros disponíveis.

E há também demasiada pureza neste luar oblíquo,
demasiada claridade nesta noite sem fundo.

[....]

e a poesia irrompe das sombras
como um corpo livre de túnel, túmulo
e tudo que retém seu mais obscuro
poder de liberdade e movimento.

A profusão de luzes destrói
qualquer tentativa de descobrimento.

¹¹ Angel Marcos de DIOS. A casa de vidro. Em: Gilberto MENDONÇA TELES, *Hora aberta*, p. 13, Angel Marcos esclarece que a teoria de Mendonça Teles antecipa as especulações sobre a estética da recepção, pois o livro do poeta, *Sintaxe invisível*, foi mandado à editora em julho de 1996, enquanto a conferência Hans Robert Jauss foi realizada em abril de 1967.

E a beleza de ver corrompe o possível
encantamento das estrelas.

Todas as coisas lindas e amoráveis
são noturnas e crescem à flor de lagos
subterrâneos.

Todas as coisas lindas e livres
se organizam no secreto rumor da angústia
e do tempo.

Há demasiada pureza neste luar
E nos dói tanta certeza para o amor.
Na transparência dessas formas puras nos deitamos
E nossos pés flutuam
No absoluto clarão do chão inútil.

Na perspectiva de Mendonça Teles, sair do silêncio é criar um universo na e com a linguagem. Daí a teoria do *fiat*, do *logos* e do *verbum*. A obra literária, como assinala Gilberto, tem a tendência a constituir-se como um monumento de reticências, de silêncios e de ambigüidades fabricado com palavras, mais especificamente, com *falavras* : a fala do poeta injetando sangue e lavrando vida na carne das palavras.

A literatura, portanto, é uma retórica do silêncio. E é esse universo obscuro, sombrio e silente em nós que nos compele ao verbo, à criatividade, à forma-viva, a uma clarividência que jamais se produz, como veremos a seguir, com Borges.